

B E T Z A I D A M A T A

Diário do Aço

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

REVISÃO: Betzaida Mata

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Talita Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M425d MATA, Betzaida.

Diário do Aço / Betzaida Mata – Guaratinguetá, SP: Penalux, 2019.

112 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-597-3

1. Romance I. Título

CDD: B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.



Sertão do Rio Doce

Para os portugueses recém-chegados aos trópicos não existia Vale do Aço. Só um conjunto de terras inóspitas, povoado por índios botocudos e mosquitos transmissores de malária, atravessado por um rio. Sem cercas para estabelecer fronteiras, nem armas para lhe domar a geografia, foi, por muitos anos, um lugar esquecido. Era o “Sertão do Rio Doce”. Sertão. Palavra de origem imprecisa e duvidosa, diz-se da terra que não foi ocupada e escapou da infestação de gente, barulho e projetos civilizatórios. Longe de qualquer tentativa de ordenação do espaço, ali a vida cresce à revelia. Nem sempre é um lugar. Às vezes, é uma condição íntima. Um pedaço da gente que deixou de nos pertencer: infância desprezada, memórias negligenciadas, dores esquecidas. Nós, por medo ou descaso, evitaremos visitá-lo enquanto estivermos despertos. Mas basta um descuido da razão – sono, embriaguez ou delírio – e lá estamos, a nos embrenhar por aqueles rincões onde o mato cresce, a ferrugem se espalha e insetos de toda sorte se reproduzem, longe das profilaxias sanitárias.

Lá, o tempo nunca é ameno. O calor turva a paisagem, seca nascentes e evapora líquidos supérfluos como lágrima e néctar.



Fora os loucos e embriagados, somente almas destemidas e sem esperança se enfiam por suas veredas. *Alguma coisa ainda se acha. Acha?*

No Vale do Aço ninguém fala do sertão. Ninguém quer ouvir sobre ele. Todos os dias, as usinas metalúrgicas que rebatizaram o lugar despejam uma fumaça densa e escura para encobrir o passado de indígenas, jagunços e aventureiros. E também de mosquitos, malárias, tiros e massacre. Tudo o que pertence ao tempo anterior a um ordenamento razoável e organizado precisa ser repetidamente esmagado, enfiado para o fundo da terra, para que as indústrias reinem e a civilização avance. Senão, feito um vulcão que se pensava extinto, o sertão irrompe e se alastra. Civilizar é isso: jogar o passado para dentro da terra e mantê-lo no fundo. Mas ele sempre tenta reemergir. E, vez ou outra, a ordem se vê ameaçada, pode ser uma greve de operários que interrompe a produção; ou as putas que saindo da Rua do Juá, no baixo centro de Ipatinga, vão protestar na zona nobre da cidade, contra o aumento de preços nos quartos dos hotéis. É com isso que se deve ter cuidado. E não sendo possível exterminar essa gente – já que não há civilização sem operários ou putas –, há que se manter um cordão de isolamento, com o entorno bem capinado e dedetizado. Porque se esse povo primitivo e maldito encontrar espaço, ele se expande, incha e transforma tudo novamente em terra de ninguém.

Foi assim desde o início. O início de que falo é o Vale do Aço e não o que veio antes. O que veio antes não é para existir. O passado de doenças, violência e ausência de leis serve só para justificar a origem. E a origem é: a história heroica dos pioneiros que a partir do século XX transformaram um ambiente selvagem no *baluarte da modernidade*. Engenheiros, agrimensores, sanitaristas e empresários a construir, sob a égide da razão, um espaço onde tudo é progresso. Isso é o que conta. Ao menos, é por essa história que lutam os moradores do Vale do Aço: a história das usinas, da estrada de ferro, do Centro Universitário e do Shopping do Vale.

Tanto esforço para nada. Sob o olhar imponente do projeto racional e modernizante que edificou o lugar, um prefeito decretou que fosse construído um banco na praça principal para que o espírito do seu falecido irmão pudesse se sentar nos fins de tarde e contemplar o pôr do sol coberto de fumaça cinza; uma vereadora apresentou um projeto de lei para que se instituísse o *Dia da Mulher do Pastor*; um jovem deu um tiro na barriga da namorada grávida; uma mulher matou o marido aos poucos, administrando-lhe, no lugar do remédio para pressão, doses homeopáticas de chumbinho e depois, com a ajuda do filho mais velho, enterrou-o no quintal; um médico, criador de cães, confundiu-se e receitou remédio veterinário para o paciente no consultório de pronto-atendimento.

O Vale do Aço, mesmo sem querer, segue cumprindo o seu destino sertanejo.

Eu me formei em História. Ainda estudante, trabalhei de graça para uma professora que estava prestes a se aposentar, pesquisando em arquivos no interior de Minas Gerais, transcrevendo documentos do século XVIII, escritos num português quase incompreensível e com uma caligrafia difícil de ser decifrada. Depois, fui estagiária num jornal, vasculhei antigos periódicos de Belo Horizonte para escrever a história da cidade de uma forma “interessante”, digna de um encarte comemorativo do centenário da capital. No mestrado, enfiei-me na leitura de jornais clandestinos do Partido Comunista da década de mil novecentos e quarenta e entrevistei velhos militantes. Mesmo hoje em dia, para completar a renda familiar, alugo minha formação – a de historiadora –, combinada ao meu ofício – o da escrita –, num combo que, a um preço módico, escreve edições históricas para empresas, sindicatos e associações, ou constrói biografias bem documentadas e com uma narrativa “agradável”.

Tudo isso posto, estou devidamente credenciada para escrever aqui, porque quero e só porque quero, a história do Vale antes do aço. Do lugar que precede a implantação das usinas que lhe deram um nome e um destino.

Primeiro é o ruído. Uma confusão de índios botocudos, bandeirantes com facões a rasgar matas fechadas, mosquitos zunindo e uma jaguatirica que me espreita como a rir de mim.

Encaro um por um e lhes imploro que fiquem em ordem e se acomodem à minha narrativa. Eles vão se pondo em fila e eu começo. *No princípio eram os botocudos. Ou, melhor ainda, os Krenaks.* Então, desfazem a fila, começam a girar e desandam numa gritaria que mistura português arcaico, algum dialeto do macro-jê e outra língua que não posso identificar. É parecido com os meus meninos quando quero que fiquem quietos durante a refeição: choram, riem, levantam-se, derrubam arroz, entornam suco, jogam comida uns nos outros. Desanimada, apenas me sento e espero a hora em que vão dormir. Só então consigo pôr ordem na casa: varrer a sujeira, lavar os pratos, passar um pano sobre o chão melado e gorduroso.

Vê? O céu já está escuro. Durma, Sertão do Rio Doce. Durma que quero contar sua história.

Depois, é o silêncio.

O vazio amarelo-ferrugem brota da tela do computador e se expande para os teclados, enfia-se pelos dedos, corrói as veias, crava o peito, até alcançar a cabeça.

Não posso falar senão do que se deteriora.

Não, não posso falar. Tudo é desolação. Corro atrás das palavras para que contenham a tempo o processo de desertificação. Elas escapam. Não se prestam, é óbvio, a denominar o terreno do indizível.

Porque não sou capaz de mais do que isso, vou escrever a história do Vale. O Vale do Aço.



A estrutura do aço

“No escuro eu sentia essa paixão contornando sutilíssima meu corpo. Estou me espiritualizando, eu disse e ele riu fazendo fremir os dedos-asas, a mão distendida imitando libélula na superfície da água, mas sem se comprometer com o fundo, divagações à flor da pele, ô, amor de ritual sem sangue. Sem grito. Amor de transparência e membranas, condenado à ruptura.”

Lygia Fagundes Telles

“Acesita, cinco minutos!”

Pus a mochila nas costas e desci do ônibus. A rodoviária pequena e deserta estava comprimida entre a Usina, que se impunha soberba e opressiva e a mata de um verde borrado e com contornos mal definidos. O bilhete apontava como destino a cidade de Timóteo mas, pelo telefone, um funcionário do lugar onde eu iria trabalhar havia dito que deveria descer em Acesita. Para aumentar a imprecisão, a moça que viajava na poltrona ao lado da minha e que tinha descido na parada anterior – a cidade de Nova Era – achou que o mais provável era o meu destino ser a cidade de Ipatinga. “Se está indo trabalhar em um



Este livro foi composto em Electra LT Std pela Editora Penalux e
impresso em papel off-white 80 g/m², em novembro de 2019.

